

O papel da classe média para a ascensão da extrema-direita no Brasil

*The role of the middle class in the
rise of the extreme right in Brazil*



Revista Compólitica
Ano 2025, v. 15, n.1
compolitica.org/revista
ISSN: 2236-4781

DOI: 10.21878/compolitica.2025.15.1.722

Daniela Silva Neves

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste)

[State University of Western Paraná]

Resenha de

PORTO, Mauro P. Mirrors of whiteness: media, middle-class resentment and the rise of the far right in Brazil. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2023.

O papel da classe média para a ascensão da extrema-direita no Brasil

Daniela Silva NEVES

Resenha de PORTO, Mauro P. *Mirrors of whiteness: media, middle-class resentment and the rise of the far right in Brazil*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2023.

O livro *Mirrors of whiteness: media, middle-class, resentment and the rise of the far right in Brazil*, de Mauro Porto (2023), faz uma análise sobre a ascensão da extrema-direita no Brasil, tendo como elemento a identidade e o ressentimento da classe média do nosso país. Escrito em língua inglesa, foi publicado pela University of Pittsburgh Press. Por esse motivo, as citações inseridas nesta resenha são apresentadas em tradução livre.

Após o resultado do segundo turno do processo eleitoral que levou Jair Bolsonaro à Presidência da República, em 2018, Mauro Porto sentiu um incômodo, comum no campo progressista no Brasil: como explicar a adesão das redes familiares, de pessoas próximas, a um projeto político autoritário? Mais do que isso: como perceber um entusiasmo com esse projeto abertamente autoritário?

Professor da Tulane University desde 2004, onde atua no Departamento de Comunicação, é graduado em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB) (1988), mestre em Ciência Política, também na UnB (1993), e doutor em Comunicação pela University of California (2001). É referência em pesquisas sobre a relação entre mídia e democracia, jornalismo, telenovelas e consolidação democrática.

Nesse livro (cujo título em tradução livre para o português seria *Espelhos da branquitude*), o autor não tem o objetivo de explicar as causas da eleição de Bolsonaro, e sim aprofundar-se na identidade da classe média e o fenômeno da branquitude, por entender ser essa parcela da população brasileira a protagonista da chegada de Bolsonaro ao poder. Constrói no texto a ideia do ressentimento da classe média, uma afirmação que vai sendo elaborada, ou complementada, ao longo do livro.

A forma pessoal com que o autor insere o tema provoca leitores na mesma posição privilegiada que ele a analisarem a situação do ponto de vista dos participantes do sistema de exploração. Porto conta sua trajetória familiar e identifica que existiu um processo de “branqueamento” para alcançar o status de classe média, que inclui um emprego público com um salário mais confortável, acesso a escola privada, aulas de inglês, além da entrada em universidade pública.

A presença de empregadas domésticas e a importância delas para esse processo de branqueamento é uma das ideias-chave do livro. Já na introdução, fala do quanto essa relação de trabalho, opressiva e racista, foi fundamental para o mecanismo de status de classe média. As residências construídas com área de empregada, com um minúsculo quarto e banheiro ao lado da área de serviço, e o elevador social, separado do de empregados: segregação que tem raiz na história escravocrata do país.

“Eu me identificava como progressista, como alguém comprometido com causas de justiça social, mas agora me lembro de momentos-chave em que interações privadas em minha rede de amigos de esquerda demonstravam que a branquitude tinha sobre todos nós” (Porto, 2023, p. 8).

Essas trabalhadoras invisibilizadas, com baixo salário e total disponibilidade, permitiram o aumento da participação das mulheres brancas de classe média na força de trabalho e no fortalecimento da sua independência. É nesse sentido, e não explicando a vida explorada dessas empregadas, que inicia a sua análise.

A costura dos capítulos é realizada com epígrafes, compostas por trechos da obra de Carolina Maria de Jesus (2003), a quem dedica o livro.

No Capítulo 1, analisa a interseção entre raça, classe e status no Brasil, citando diversos estudos que investigam o tema. Chama atenção para aqueles que afirmam que a branquitude não é homogênea e que há “degraus” nesse processo. Busca o período do fim da escravatura para resgatar a concepção de que os negros não seriam bons trabalhadores e que, portanto, as fazendas de café atraíram imigrantes europeus quando começaram a usar trabalhadores livres. Com isso, insere a discussão sobre como as elites brasileiras sempre foram hostis aos negros e pardos, considerando-os um “câncer social”.

Dessa origem, nasce a identidade de classe média branca. Cita análises sobre o que seria considerado classe média e chega ao termo cunhado por Neri (2011), “nova classe média”, para designar um grupo social que teve um aumento de poder econômico durante as primeiras administrações do Partido dos Trabalhadores (PT) no Governo Federal. Essa nova classe C passou a ter mais recursos. Porém, na

opinião de Porto, confundir a ascensão econômica com a social é um erro, pois existe uma condição estrutural na situação de produção capitalista e de uma necessária correspondência de formas de posição cultural ou política não ocupadas pelas pessoas da estratificação econômica apresentada por Neri (2011).

A elevação econômica da nova classe C, além da propaganda do governo do PT sobre esse avanço, contribuiu, na opinião de Porto, com o pânico por parte da classe média e consequente revolta conservadora.

Passando por um breve histórico de política econômica do Brasil, Porto comenta como a classe média suportou os militares no governo, mesmo sendo excluída das decisões políticas, pois esses criaram desigualdades econômicas e sociais que a beneficiavam. Quando a crise econômica chegou, na década de 1970, início da de 1980, foi a mesma classe média que apoiou o processo de democratização. Novamente, insatisfeita com as medidas do primeiro presidente eleito de forma direta, Fernando Collor, apoiou o impeachment do mandatário.

O ano de 2013 chegou com novo descontentamento dessa classe contra o governo (do PT). Porto insere um novo elemento na discussão, que é a importância das telenovelas da Rede Globo e como refletem a sociedade. Uma em especial é analisada pelo autor, no contexto político apresentado para a análise da identidade da classe média. *Cheias de charme*, apresentada pela emissora em 2012, mostra o cotidiano das domésticas e suas patroas. Porto argumenta que o tema da novela vem para atrair a classe C para a audiência, em uma tentativa de maior identificação com esse público.

O Capítulo 2 inicia com a afirmação de que o Brasil sofreu um declínio democrático de 2013 a 2018, com o crescimento do movimento conservador, incluindo mobilizações nas ruas pedindo o impeachment da presidenta Dilma Rousseff (PT). Para Porto, essa revolta conservadora foi, em parte, resultado de uma sensação de pânico da classe média branca, causada por ressentimento sobre a ascensão dos pretos após mudanças políticas e sociais. Parte dessas mudanças veio após políticas sociais dos governos do PT, como o Bolsa Família, além de outras decisões socioeconômicas que diminuíram a distância entre os mais pobres e mais ricos. Mesmo com o aumento de poder aquisitivo, essa população não se sentiu pertencente à classe média tradicional. Uma barreira para isso é o transporte público, que, sem qualidade, faz com que boa parte dos trabalhadores passe horas em trânsito.

As revoltas conservadoras de 2013, na visão do autor, refletem uma inabilidade do PT em construir ou manter uma liderança intelectual e moral. Essa mesma “nova classe média” volta-se contra o PT nas eleições de 2018, ajudando na eleição de Bolsonaro.

O foco inicial dos protestos de 2013 - o valor da tarifa de transporte - ampliaram-se e levaram para as ruas jovens de classe média tradicional. A Operação Lava Jato deu visibilidade a suspeitas de corrupção, reforçando o discurso elitista anticorrupção.

No Capítulo 3, Porto fala sobre os direitos trabalhistas conquistados pelas domésticas no governo do PT. Lembra que, apesar dos avanços obtidos pelos trabalhadores no governo Getúlio Vargas, em 1943, a Consolidação das Leis Trabalhistas não incluiu as trabalhadoras domésticas. Com isso, não tinham direito a piso salarial, limites de horas trabalhadas e férias remuneradas. A partir dos governos do PT, as condições econômicas dessas mulheres melhoram, levando a aumento da renda (em 76,4%), obrigação de assinatura da carteira de trabalho, e culminando, em 2014, na aprovação da PEC das Domésticas (Emenda Constitucional nº 72, de 2 de abril de 2013). Com isso, a classe média teve dificuldades de manter tais vínculos de emprego, e o modelo exploratório foi substituído pelo trabalho de diaristas, com pagamentos maiores e menos horas.

Porto adiciona na discussão a visão da mídia sobre essas mudanças. Como exemplo, usa o título da revista *Veja* (Abril, 2013): “Você amanhã: as novas regras trabalhistas das empregadas são um marco civilizatório para o Brasil – e um sinal de que em breve as tarefas domésticas serão divididas entre toda a família”, tendo na capa a imagem de um homem branco lavando a louça.

Outra medida que gera aversão na classe média em relação à perda do seu poder social são as políticas de cotas nas universidades públicas. Antes quase totalmente ocupadas por brancos, as cadeiras das universidades estatais passam a ser também de pessoas com menor poder aquisitivo, após políticas do Governo Federal que ampliaram em 86% o número de estudantes universitários, incluindo pessoas pretas e pobres.

Em 2000, entra em vigor no estado do Rio de Janeiro uma lei de cotas para afrodescendentes e estudantes de escolas públicas. Em 2005, 24 universidades federais adotaram a mesma medida, número que foi crescendo nos anos seguintes. De acordo com Porto, essa expansão encontrou resistência tanto na mídia quanto na elite política. O então diretor de jornalismo da Rede Globo, Ali Kamel (2006), publica um livro chamado *Não somos racistas*, afirmando que haveria uma falsa

polarização no Brasil entre brancos e pretos e que programas como o das cotas tinham potencial de gerar ódio entre raças. Programas de comédia na Globo também reforçam essa resistência contra a “ocupação”.

O Capítulo 4 faz uma análise mais aprofundada da telenovela *Cheias de charme*. Tendo como protagonista três domésticas – chamadas de “empreguetes” –, o enredo da novela conta o cotidiano de exploração perpetrado pela classe média branca contra essas trabalhadoras, e a intenção da emissora é dar visibilidade a esse grupo subalterno. Ao mesmo tempo, a novela falha, segundo Porto, ao mostrar representações caricaturadas e inadequadas. Para isso, faz uma análise de cenas com discursos da patroa gentil, da doméstica “parte da família”, da empregada sexualizada.

O Capítulo 5 analisa a cobertura da *Veja* sobre cotas nas universidades para demonstrar como a revista confirma o sentimento de ansiedade e medo da classe média branca. O tema aparecia em praticamente todas as seções do periódico. Algumas das reportagens representam a hostilidade branca na cobertura sobre o tema e, na grande maioria das vezes, com argumentos contrários não somente às cotas, como à questão racial brasileira. A *Veja*, de acordo com Porto, apresenta argumentos de uma classe privilegiada e que insiste na ambiguidade racial no contexto brasileiro. O exemplo é o título de uma das capas da revista, em 2007, “Raça não existe”, indicando testes de DNA que provam que raça não existe de acordo com a biologia.

Porto diz que essa narrativa é perversa, porque não leva em conta a conotação social, e não biológica. A concepção de “raça” socialmente construída é importante consequência do mundo real, como analisa o livro. No contexto brasileiro, ainda mais acentuada pelas condições aqui vividas, como a falta de uma construção institucional para a inserção social de pessoas negras. Nossa história apresenta barreiras que não são transparentes, mas sim invisibilizadas no discurso da elite branca.

Considerações finais

Mauro Porto faz uma análise provocativa sobre a ascensão da extrema-direita no Brasil e sobre o que o autor chama de ressentimento da classe média. Chama à reflexão todas as pessoas de identidade branca e que cresceram na estrutura das classes privilegiadas. Um livro não escrito para a comunidade acadêmica, mas que cita pesquisas importantes sobre os temas envolvidos e, com isso, conversa com um público amplo sobre objetos complexos, como relações de trabalho, exploração, raça, gênero e

mídia. Se há um lugar de fala para nós, do mundo acadêmico, nessa discussão, é o da desconstrução dessa retórica enraizada, excludente e ainda dominante.

Mirrors of whiteness é escrito em inglês e não tem previsão de ser traduzido para o português. Pode ser encontrado em aplicativos de venda de livros.

Referências

JESUS, Carolina Maria de. *Child of the Dark: The Diary of Carolina Maria de Jesus*. New York: Penguin Group, 2003.

KAMEL, Ali. *Não somos racistas: uma reação aos que querem nos transformar numa nação bicolor*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

NERI, Marcelo. *A nova classe média: o lado brilhante da base da pirâmide*. São Paulo: Saraiva, 2011.

PORTO, Mauro P. *Mirrors of whiteness: media, middle-class resentment and the rise of the far right in Brazil*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2023.

Sobre o autor da obra

Mauro Porto é professor de Comunicação na Tulane University em Nova Orleans, Estados Unidos. Pesquisados das relações entre mídia e democratização, com foco no Brasil.

Sobre a autora da resenha

Daniela Silva Neves é Doutora em Ciência Política da Universidade Federal do Paraná, é mestre em Ciência Política pela mesma universidade. Atua como comunicadora social efetiva na Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Foi pesquisadora visitante da Tulane University, no Departamento de Comunicação.

Data de submissão: 29/04/2024

Data de aprovação: 08/05/2025